

Nuno Moreira Inácio

“waste land”

Em “waste land” o tempo e a transformação fundem-se. O tempo e a transformação são a substância da vida e da história. É óbvio que sem o tempo a transformação não pode existir também, sendo o processo entrópico proposto como um ciclo criativo, um ciclo que produz algo novo para tudo o que é destruído.

A paisagem é tratada sob um ponto de vista desapaixonado e sem sentimentalismo, aceitando a sua realidade de natureza transformada pela intervenção humana, ao invés duma natureza virgem e sem mácula. São representados espaços irradiando inabitabilidade, onde jazem objectos abandonados, num tipo de pesquisa arqueológica do que é segregado para fora das áreas urbanas, algo que realmente se prolonga dentro e fora de tempo, algo que não pertence à terra e ao mesmo tempo algo que está realmente muito enraizada na terra, numa dialéctica enviesada e incompleta entre interior e exterior, visível e invisível, forma e informe, determinado e indeterminado, centro e a periferia.

Substância física e lógica de representação entram em colapso num único escombro. No lugar dos antigos eixos de cartografia espacial encontra-se uma geografia metafórica habitada por esperanças abandonadas e sistemas descartados. Isto é, o lugar onde nada acontece, o panorama zero do presente, uma serpente de entropia onde a passagem de significantes em ruínas só serve para nos sugar ainda mais para o vórtice centrípeto, um ciclone imóvel. Aqui o presente faz-se entre a conjugação do passado distante e do futuro próximo, a pausa interna enquanto nada acontece. É o vazio entre os eventos. À medida que os antigos horizontes de tempo e de espaço diminuem, aparecem novas diagonais de significado: sistemas fluidos, constituídos por pontos não localizáveis e de significados indeterminados.

A tracção entre as verdades empíricas e geografias firmes está perdida. É a viagem que descreve um espaço em si, um domínio de metáfora pura, uma área de absurdo, uma região onde a lógica é suspensa - uma área irracional onde os avatares do passado e do futuro se alimentam dos destroços da nossa imaginação.

O trabalho desenvolvido constitui, então, um momento de tensão entre a transparência do real e a anulação do referente subjacente a qualquer modo de ver. São representados espaços estruturais abandonados ou historicamente carregados oferecendo uma reflexão sobre a actividade humana e sobre a natureza. Recriam uma visão do mundo em que o homem se transforma num passageiro de um universo poderoso e em constante mutação.